

O Diário de Campo como instrumento formativo na Residência Pedagógica

Antônio Igor Sousa Alves (IC), Daniela Furtado da Silva (IC), Danielle Mariano Gonçalves (IC), Guilherme Henrique Moreira dos Santos (IC), *Jaqueline Sousa Faria (IC), Kamila Rodrigues Santos (IC), Lídia Priscila Pereira Silva Souza (FM), Madaliny Gonçalves da Purificação (IC), Maria Geralda de Almeida Moreira (PQ), Ranisthayne Pablyne Freire de Faria (IC).

jaquelinesousafaria463@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás, UnU de Iporá

Resumo:

O presente texto analisa o uso do Diário de Campo como instrumento formativo para estudantes do Curso de licenciatura em História, participantes do Programa Residência Pedagógica ao longo um ano - outubro de 2020 a outubro de 2021. O Diário de Campo constitui-se em um instrumento de registros de vivência, experiências, experimentos, realidades que se deseja conhecer, entender e apreender, sendo muito usado em pesquisas que envolvem o trabalho de campo com a produção de etnografias ou mesmo para registro de dados. Na atualidade, o diário tem sido um caminho para apreender sobre o cotidiano e a cultura escolar por meio da escrita e da leitura. O Diário de Campo contribui para entender a realidade, na qual o licenciando está sendo inserido, para se perceber enquanto sujeito em processo de formação e, para acessar com mais clareza suas subjetividades. E por esses e outros motivos que o Diário de Campo apresenta potencialidades que contribuem no processo formativo de futuros docentes. O uso desse instrumento com os residentes do Programa Residência, tem apontado gargalos na sua construção, mas também contribuições.

Palavras-chave: Formação. Leitura. Etnografia. Registros. Reflexão. Subjetividades.

Introdução

O uso do Diário de Campo como instrumento formativo para estudantes tem sido objeto de estudo e pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, mas na área das licenciaturas, ele tem sido observado com atenção especial devido ao seu potencial de impulsionar a escrita, a leitura e a reflexão, exercícios essenciais no processo formativo de futuros professores ao mesmo tempo que proporciona uma melhor percepção e, portanto, compreensão dos saberes e fazeres docentes. Foi devido ao seu potencial que optamos por adotar a construção do diário como uma das atividades a serem desenvolvidas pelos bolsistas da Residência Pedagógica do Curso de História, da UEG - Iporá. Nossa análise centra em registros e reflexões dos/as residentes realizados no período de outubro de 2020 a outubro de 2021.

O Diário de Campo constitui-se em um instrumento de registros de vivência, experiências, experimentos e realidades que se deseja conhecer, entender e apreender, sendo muito usado em pesquisas que envolvem o trabalho de campo com a produção de etnografias ou mesmo para registro de dados. Na atualidade, o diário tem sido um caminho para apreender sobre o cotidiano e a cultura escolar por meio da escrita e da leitura. O Diário de Campo contribui para entender a realidade, na qual o licenciando está sendo inserido, para se perceber enquanto sujeito em processo de formação e, para acessar com mais clareza suas subjetividades. O uso desse instrumento com os/as residentes do Programa Residência, tem apontado gargalos e contribuições.

Os gargalos se evidenciam na dificuldade apresentada por residentes na realização dos registros; na falta de constância na realização destes; na diminuta reflexão realizada; bem como na ausência de conexões com saberes apreendidos no decorrer do curso. Se por um lado temos os percalços, por outro temos os/as residentes que tem explorado todo o potencial do diário, construindo memórias e reflexões de seus próprios processos formativos, identificando a partir da observação da sua própria prática e de outros, saberes, fazeres que são próprios e essenciais para o exercício da função docente.

Material e Métodos

Esse texto segue a abordagem qualitativa com a exploração e análise de fragmentos dos Diários de Campo dos residentes do Programa Residência Pedagógica, do Curso de História; de suas reflexões sobre a construção desse instrumento e ainda, das minhas próprias percepções sobre esse processo. Nessa análise valemo-nos ainda de outros trabalhos que discutem o Diário de Campo como instrumento de formação docente.

Resultados e Discussão

No decorrer da graduação, período que denominamos de formação inicial dos futuros docentes, a leitura e a escrita são procedimentos essenciais não somente para a aquisição de novos saberes, mas para a consolidação de saberes adquiridos, realizando nesse movimento, a conexão de saberes obtidos ao longo da formação com a prática docente. É esse exercício de consolidação dos conhecimentos, de

ampliação da consciência histórica dos futuros docentes que buscamos proporcionar com o uso do Diário de Campo, pois o exercício de construção do diário não se resume ao simples registro dos fatos observados, das vivências no espaço escolar, mas a realização de uma reflexão consciente, embasada em saberes científicos dessas experiências, refletindo sobre o ser professor, sobre os fazeres e saberes docentes, sobre metodologias de ensino. Nesse processo, a leitura e a escrita caminham juntas, permitindo a reflexão embasada na teoria sobre o vivido, contribuindo com o processo de formação da identidade docente, sobre o ser professor, pois “[...] a leitura e a escrita são constituídas como centrais à formação” (KERN; AGUIAR, 2019, p. 121).

Nesse sentido, partindo da reflexão de Zabalza, Khaoule e Carvalho reafirmam as conexões entre a construção dos diários e a formação docente.

Os diários se tornam recursos de reflexão sobre a profissão e, portanto, instrumento de desenvolvimento e avanço da própria pessoa e da prática profissional que desempenha. Nas práticas de campo, os diários possibilitam aos estudantes, em suas experiências na escola, uma maior consciência de suas ações. A reconstituição por escrito das experiências vividas na prática e das sensações ali experimentadas é uma forma de a experiência não se perder na memória (ZABALZA, 2004 p.10-11) ou no cotidiano do eterno fazer. (KHAOULE; CARVALHO, 2013, p. 275, 276)

Ao analisar fragmentos dos diários dos residentes, foi possível perceber que os mesmos realizaram esse processo de reflexão sobre ser professor e sobre suas atuações. Nestes termos, a residente Kamila Santos se refere a um momento de sua regência, ainda no modelo remoto, com o tema: A Marcha para o Oeste, a construção de Goiânia e os Povos Indígenas em seu Diário de Campo. [...] *foi um desafio, sem dúvidas, trazer um tema contemporâneo e local. Talvez tenhamos mais intimidade com a História europeia, do que a nossa própria, o que precisa ser repensado [...]* (26.06.21).

A residente realiza o exercício de observar, narrar e refletir sobre suas ações em sala de aula, com o conteúdo e sobre as ações observadas, contribuindo assim, como bem afirmam Oliveira e Fabrís (2017), na construção de sua própria identidade docente. O exercício da escrita nesse caso, também “[...] demarca o posicionamento do sujeito sobre o espaço de trabalho [...]” (KERN; AGUIAR, 2019, p.124).

A construção do Diário de Campo pelos residentes tem proporcionado reflexões sobre o ser professor e suas responsabilidades, como podemos observar no registro a seguir da residente Daniela Silva.

Os registros das vivências no Colégio [...], no Diário de Campo, tem nos ajudado a refletir sobre a regência e as práticas docentes, e constantemente nos questionar “como ser um bom professor” ao mesmo tempo que nos torna conscientes de nosso papel como sujeito ativo na construção do nosso próprio conhecimento (SILVA, Relato de Experiência/módulo II, 2021, p. 3).

A residente Madaliny Purificação, já no início das atividades presenciais, registrou suas percepções sobre a relação professor/a e aluno/a de forma muito sensível ao mesmo tempo que constrói reflexões sobre esse importante aspecto do processo educacional. “[...] *É claro que os alunos gostam e respeitam a professora [...] O carinho que ela tem com eles, contribui muito para o desempenho deles. Acompanhar essa sala me fez pensar sobre o meu futuro e me impressionar ainda mais com a sala de aula [...]* (22.10.21).

Ao discorrer sobre o vivido em seu diário, o futuro docente retoma as memórias, reformula-as, reforça-as ao mesmo tempo em que realiza um processo reflexivo sobre sua atuação, sobre a atuação observada, contribuindo com a construção da identidade docente, pois o ato de “[...] tornar-se professor/a, [...] implica incorporar certos modos de ser e de agir considerados próprios de um sujeito docente em uma determinada cultura. Esses modos de ser e agir são apreendidos por intermédio de exercícios, técnicas e rituais [...]” (OLIVEIRA; FABRIS, 2017, p.643) que os/as residentes acessam quando vivenciam as dinâmicas próprias do território da escola, da sala de aula.

A produção do Diário de Campo: a experiência da Residência Pedagógica

A produção do Diário de Campo foi adotada desde o início das atividades, logo na primeira reunião, os residentes foram orientados a adquirirem o caderno e a realizar os registros, tornando o diário uma espécie de agenda, espaço de confissões, um memorial pessoal que envolve a observação, o registro e a análise dos fatos cotidianos.

Para que os residentes entendessem melhor a importância da construção do diário e suas finalidades foram realizados estudos de textos que discutem o tema, tais como: *Diários de Campo como Possibilidade de Pesquisa na Formação de Professores* de Anna M. Kovacs Khaule e Euzébio Fernandes de Carvalho; *Diário de Campo: a leitura e a escrita na formação docente* de Caroline Kern e Paula Alves de Aguiar e, ainda, *Práticas de iniciação à docência: o diário de campo como instrumento para pensar a formação de professores* de Sandra de Oliveira e Elí Hern Fabris. O estudo destes textos proporcionou aos residentes o acesso a diferentes discussões sobre o uso do Diário de Campo como instrumento formativo.

O registro no diário deve ter uma constância, ou seja, precisa ser uma escrita diária ou semanal, para que as vivências não se percam. Sobre a construção do diário a residente Jaqueline Faria afirma em seu relato de experiência:

[...] foi uma experiência nova e desafiadora, já que em função da pandemia e, portanto, estudando de casa, cabia a mim estabelecer um roteiro e ter a responsabilidade de preencher o Diário de Campo com informações observadas a partir de minhas experiências como residente em uma determinada situação/espço, junto a docente e estudantes da escola campo (FARIA, Relato de Experiência/módulo II, 2021, p. 1).

A escrita responsável, a importância do cuidado com os registros, foi um ponto importante, sendo discutido com os residentes, em diversas ocasiões, pois concordamos com Kern e Aguiar sobre a consciência e a sensatez na execução desse ato, uma vez que, a etnografia produzida se refere não somente a experiência do residente, mas a vivências de terceiros.

[...] essa escrita não deverá ser desenvolvida como um ato desprovido de compromisso com a realidade observada e com os sujeitos envolvidos nos contextos institucionais, ou seja, não é mera ação. Ao contrário, essa escrita exige responsabilidade, compromisso ético e assinatura, visto que construir um diário de campo é a escrita pelo/do ato. (KERN; AGUIAR, 2019, p.128)

O período compreendido nessa análise envolve o tempo do ensino remoto e, desenvolver as atividades da residência nesse modelo de ensino, impulsionou emoções e percepções diversas nos residentes, sendo o diário um dos espaços usados para expressar tais sentimentos e impressões. O residente Antônio Alves afirma que no ambiente remoto a experiência “[...] é extremamente frustrante, a sensação de

ministrar aula sem ter ninguém olhando/assistindo. O processo de acostumar a falar para a câmera [...]”

Já com o retorno as aulas presenciais na educação básica a partir de agosto de 2021, os residentes puderam iniciar as atividades presenciais em outubro desse mesmo ano. Com o início das atividades presenciais dos/as residentes, alguns se mostraram apreensivos, com receios e outros encaram de forma tranquila como podemos perceber nos relatos a seguir: “[...] *me senti bem recepcionada pelos alunos, tenho uma boa facilidade em fazer amizade e acredito que isso tenha facilitado o processo [...]*” (22.10.21) afirma a residente Madaliny Purificação. O mesmo sentimento é expresso pela residente Jaqueline Faria “[...] *Não fiquei nervosa, me apresentei [...] e informei que iria acompanhá-los durante algum tempo*” (22.10.21).

Sobre as diferenças entre esses dois modelos de ensino, o residente Guilherme Santos assim escreveu: “*A diferença entre o ensino presencial e o remoto é gritante, a sensação é diferente, uma vez que, você tem a noção de quem está participando. A sensação de que você não está falando com as paredes. Estamos de fato, encarando uma “verdadeira” sala de aula*” (19.10.21). A residente Madaliny Purificação fez a seguinte reflexão sobre esse processo de residência remota e presencial.

Os formandos dessa época são privilegiados, puderam experimentar coisas inéditas, participar de uma aula em que não precisávamos estar no mesmo lugar [...] e participar presencialmente. Falo privilégios, pois com essa experiência, me sinto mais preparada para enfrentar uma situação parecida e também vejo como é linda essa profissão [...] passar pela residência remotamente e agora presencialmente foi uma experiência única [...] e esclareceu que [...] a tecnologia nunca conseguirá substituir um professor (06.11.21).

Entendemos que o diário tem sido um espaço de registro das memórias, dos sentimentos, dos anseios, promovendo reflexões e, certamente, contribuindo com o desenvolvimento da escrita, da leitura, na apreensão de saberes e práticas próprias da ação docente.

Considerações Finais

O uso do diário de campo como instrumento formativo com os/as residentes do Programa Residência Pedagógica evidenciou percalços e potencialidades. Os percalços se evidenciam na dificuldade apresentada por residentes na realização dos registros; na falta de constância na realização destes; na diminuta reflexão realizada,

bem como na ausência de conexões com saberes apreendidos no decorrer do curso. Se por um lado temos os obstáculos, por outro, temos os/as residentes que tem explorado todo o potencial do diário, construindo memórias e reflexões de seus próprios processos formativos, identificando a partir da observação da sua própria prática e de outros, saberes, fazeres próprios e essenciais para o exercício da função docente.

Agradecimentos

Capes pela bolsa de Residência Pedagógica.

Referências

- KHAOULE, Anna M. Kovacs; CARVALHO, Euzébio Fernandes de. **Diários de Campo como Possibilidade de Pesquisa na Formação de Professores**. In: Anais do III Simpósio Nacional de História da UEG, 2013, Iporá
- KERN, Caroline; AGUIAR, Paula Alves de. Diário de Campo: a leitura e a escrita na formação docente. In: KERN, Caroline; AGUIAR, Paula Alves de (Org.). **Estágio Supervisionado na Formação Docente**. Florianópolis: IFSC, 2019. Disponível em: https://www.ifsc.edu.br/documents/30701/523474/livro_estagio_supervisionado_formacao_docente.pdf/f515dcb2-1508-40bd-98b9-2aed31379d6a
- FABRIS, Elí Henn; OLIVEIRA, Sandra de. Práticas de iniciação à docência: o diário de campo como instrumento para pensar a formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 17, n. 52, p. 639-660, abr./jun, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/9921/12431>.
- SILVA, Daniela Furtado. MOREIRA, Maria Geralda de A. Moreira. **O Diário de Campo e a formação docente**. Relato de Experiência - Módulo II, 2021.
- FARIA, Jaqueline Sousa. MOREIRA, Maria Geralda de A. **O exercício de produção do Diário na Residência Pedagógica e sua importância na formação docente**. Relato de Experiência - Módulo II, 2021.